

# Econ. Brasil 12 MAR Agressão avanca

JORNAL DA TARDE

No ano passado, o Brasil viveu a pior combinação de recessão e inflação de sua história. Enquanto a inflação oficial bateu o recorde, com 1.794,8%, a soma de todos os bens e serviços produzidos no País, que é o Produto Interno Bruto (PIB), caiu 4,6% em relação a 1989, na maior queda registrada desde 1947, quando esse número começou a ser calculado. O violento choque aplicado na economia pelo governo foi ineficaz para conter a inflação, mas extremamente eficiente para cortar a produção.

Tudo andou mal. A produção industrial caiu 9,62%, com destaque para a queda de 12% observada na construção civil, grande absorvedora de mão-de-obra. A produção agropecuária caiu 4,41%, por causa da quebra da safra agrícola, que foi 10,2% inferior à de 1989. O setor de serviços conseguiu registrar uma queda de apenas 0,7%, por causa do bom desempenho do setor de comunicações (crescimento de 9%) e da administração pública (mais 2,1%); o comércio, em compensação, teve uma retração de 6,5% e o setor financeiro, de 2,6%.

Com a queda da produção, a renda per capita caiu 6,54%; número que também é um recorde histórico. Há indícios de que, além de mais baixa, essa renda foi também mais concentrada do que em 1989.

Se, de um lado, é exagerado dizer que a economia brasileira está a um passo de um atoleiro de estagnação como aquele em que se debate a economia argentina há décadas, de outro é preciso admitir que ainda não se vislumbram sinais de recuperação. Nos últimos meses, na verdade, tem havido uma sistemática deterioração do quadro econômico.

Isso pode ser constatado nas previsões do próprio governo. Em junho do ano passado, quando a economia começava a absorver a violência do impacto provocado pelo Plano Collor 1, o Ministério da Economia trabalhava com a previsão de queda

de 2% a 3% do PIB em 1990. Em novembro, com os dados do desempenho da economia até o terceiro trimestre, a previsão de queda já era de 3,85%. Em janeiro, o IBGE, órgão responsável pelas contas nacionais, estimava que a queda do PIB no ano passado fora de 4,3%, igual à observada em 1981, que era o recorde negativo anterior.

A recessão foi pior do que a prevista e não terminou. Estudos realizados pelo Ipea, órgão do Ministério da Economia, estimam que, no primeiro trimestre do ano, a queda do PIB será de 6% em relação a igual período de 1990. Em resumo, a recessão agrava-se.

Para combatê-la, o presidente Fernando Collor de Mello deverá anunciar, na quinta-feira, um ambicioso programa de retomada do crescimento, que deverá chamar-se "Brasil — Um Projeto de Reconstrução Nacional". O Projetão. Seu objetivo, como sintetiza o porta-voz do governo, é o de "acabar com a miséria no País". Para isso haverá programas destinados à reativação de praticamente todas as atividades, da cultural à industrial, da educacional à de investimentos, das que melhorem a saúde da população àquelas que incentivem a capacitação tecnológica.

O Brasil precisa, de fato, de tudo isso. E com urgência. Mas com que dinheiro? Como o Jornal da Tarde mostrou recentemente, a poupança bruta do País (de onde saem os investimentos) caiu do patamar de 30% do PIB para apenas 12,5% no ano passado. Não se poupa porque, depois de tantos choques econômicos infrutíferos, o poupador perdeu a confiança no governo. Por isso, além das boas intenções com que deverá rechear seus planos, o presidente Collor precisa adotar medidas que restarem a confiança de cada agente econômico, primeiro, no próprio governo e, depois, no País.